

Apresentação

Após a edição de um dossiê sobre Música Brasileira, em 2010, a *Revista USP* nos traz agora um outro dossiê com tema semelhante: Música Popular Brasileira na USP.

É no mínimo curioso que esse tema seja abordado nesta revista, uma vez que a USP não possui uma escola para o ensino dessa música. Esta idiossincrasia se reforça diante do fato de termos uma das músicas populares mais potentes e exuberantes do mundo. Aliás, são poucas as instituições de ensino superior no Brasil que contemplam o ensino da música popular brasileira, mas não são poucas as universidades no exterior que ensinam *Brazilian Music*.

O conhecimento da música brasileira pode nos trazer um outro olhar sobre nós mesmos, sobre nossa história, sobre nossa formação cultural. No entanto, nossas escolas de música são, na grande maioria, escolas de música clássica europeia¹, também chamada de erudita, termo que refuto por trazer, muitas vezes, uma carga simbólica equivocada de superioridade sobre o termo “popular”. “Erudito” vem do radical la-

tino “*rus*”, de onde surgem o “*rude*”, o “*rural*”, o “*rústico*”, o “*rupestre*”. Em outras palavras, as coisas em seu estado essencial. Quando a música começou a ser grafada na Europa, na Idade Média, ela passou a ser “*ex-rus*”, daí o termo “erudito”. Notemos que os compositores brasileiros de música clássica quase nunca são contemplados nas faculdades que utilizam metodologias europeias.

A sistematização e o aprimoramento musical decorrentes das escritas musicais nos são incontestes, disso sabemos. No entanto, apesar de termos muito da cultura europeia na nossa formação, somos brasileiros, temos uma cosmologia própria e uma música muito diferenciada da europeia e da estadunidense.

Diante disso, por que então insistir em que nossa música não sirva como material para estudo ou possua capacidade para figurar em um curso superior? Por que não pensar em uma Escola Brasileira de Música, que agregue tudo o que somos e representamos, posto sermos uma cultura de soma? Nesse caso, é certo que sermos xenófobos deprecia contra a nossa própria formação, mas seria correto sermos xenófilos? Outra argumentação recorrente contra essa iniciativa é a de que não existe material técnico (artigos, pesquisas) sobre essa música. Ora, desde a década de 1970 vêm sendo produzidas dissertações e teses sobre o tema, fato que levou um pesquisador, ainda na primeira década do século XXI, a levantar essa produção

1 Utilizam-se no Brasil, prioritariamente, currículos referenciais do Conservatório de Paris e de Darmstadt.

no estado de São Paulo, que na época chegou a 258 dissertações e teses até o ano de 2004², isso sem falar em artigos publicados.

Desta forma, observamos que esse argumento, bem como o de que a música popular não seria um material nobre para estudo acadêmico, como me disse uma vez um etnomusicólogo, professor da UFBA, não tem fundamento. Diante desse quadro, o que estaria realmente subjazendo como real mote da não criação de uma Escola Brasileira de Música em nível superior? Seria a velha mentalidade colonizada de nossa elite, que, de costas ao Brasil, pretende ainda pertencer à Europa, ou a Miami e Nova York, e assim permanecer cega às riquezas e manifestações de sua própria terra, como sempre tem sido? Não seria no mínimo razoável, para não dizer sensato, ensinar, além da música europeia e da estadunidense, a música brasileira? Ainda mais num momento em que as diversas músicas do mundo têm se entrelaçado com essa relativa proximidade criada pela internet.

Há um aspecto fundamental a ser considerado na formação cultural brasileira: diferentemente da América espanhola, cujas universidades começaram a ser criadas no século XVI, estamos falando de um país – o Brasil – que teve suas primeiras universidades criadas no século XX, quase 400 anos depois. Enfatizamos que grande parte do saber brasileiro foi construído de maneira oral. E o fato de um saber ser oral não o faz desprovido de saberes ou menor. Mas certamente faz com que se desenvolvam e se elaborem outras formas de construção e transmissão desses saberes.

Notemos que a música popular brasileira em muitos momentos atuou como a forma de registro histórico de seu povo. Quantos acontecimentos ocorridos no Brasil, que não figuram nos livros,

foram registrados em música? O que saberíamos das relações e realidades nas insurgentes favelas cariocas no início do século XX se não pela música de seus cronistas, os sambistas? E dos fluxos migratórios para a grande São Paulo durante décadas se não pelos cantantes caipiras e pelos cantadores nordestinos?

Ora, se repararmos ao longo da nossa história, a música popular brasileira foi a principal cronista de seu povo, sobretudo dos que não tiveram outra maneira de registrar suas histórias, desde antes dos períodos das gravações fonográficas, que datam no Brasil de 1902³. E assim se sucede em todo o Brasil, desde o processo da catequese jesuítica a Gregório de Mattos Guerra, o Boca do Inferno, dos tropeiros do Centro-Sul aos vaqueiros do Nordeste, das canções na época da ditadura militar aos *rappers* que hoje nos mostram como é a realidade em várias periferias do Brasil.

Enquanto, atualmente, permanecemos com o ensino de nossa música tão pouco contemplado no ensino superior, vale lembrar que em 1945 foi criada nos EUA uma grande escola de música popular⁴, que até hoje é referência e símbolo de excelência no mundo todo. Atualmente, sua metodologia é adotada por várias das raras instituições brasileiras de ensino superior de música popular existentes, públicas e privadas.

Disso se desdobra outra questão: métodos e metodologias possuem como pano de fundo a palavra “cultura”. Importarmos métodos e metodologias não nos leva ao âmago do que produzimos ou somos. Basta repararmos que a diversidade rítmica existente no Brasil não ocorre na mesma intensidade nos EUA; dessa forma, as abordagens musicais de escolas estadunidenses não contemplam em seu ensino o universo rítmico na profundidade e teor em que este deveria ser ensinado, assim como no Brasil.

A canção brasileira, como um material polissêmico, dialoga diretamente com diversos segmentos e olhares da nossa sociedade, posto ser sua cronista. Assim, pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento humano têm muito a dizer sobre

2 Silvano Fernandes Bahia, em mestrado defendido em 2004, catalogou 258 teses e dissertações sobre música entre os anos de 1971 e 2004, produzidas no estado de São Paulo (*A Pesquisa sobre Música Popular em São Paulo, 2004*, Unesp). Já sua orientanda de iniciação científica na UFU, Andressa Resende de Carvalho, apontou, de 2000 a 2008, mais de 300 teses defendidas (*Levantamento e Balanço das Pesquisas Acadêmicas Sobre Música Popular – 2000 a 2008*). Estamos falando de oito anos atrás. Sabemos que essa projeção, hoje, é exponencial, dada a abertura de novos programas de pós-graduação que contemplam a música popular.

3 A primeira música brasileira gravada foi “Isto É Bom”, de Xisto Bahia, em 1902.

4 Berklee College of Music, em Boston, MA.

a música popular brasileira e seu povo, como poderá o leitor constatar neste dossiê.

Neste número da *Revista USP*, professores-pesquisadores⁵ de vários departamentos da Universidade de São Paulo trazem seus recortes, suas percepções e suas vivências sobre a música popular brasileira. De todos os artigos presentes, apenas dois não são de professores da USP. Um deles foi escrito por Sérgio Molina, que é professor da Faculdade Santa Marcelina e criador do curso de pós-graduação em Canção Popular Urbana na mesma faculdade, onde leciona. Molina teve sua tese de doutorado premiada como a melhor tese apresentada na Escola de Comunicações e Artes no ano de 2015. O outro, Chico Saraiva, doutu-

rando ligado ao programa de pós-graduação em Música da USP, escreveu artigo sobre sua pesquisa desenvolvida em parceria com a professora Rose Hikiji Satiko, da Antropologia.

Mais que no Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP, os estudos sobre a música popular brasileira desenvolvidos nesta universidade permanecem trazendo luz ao entendimento do que fomos e somos.

Trago novamente minha pergunta primeira: por que uma das mais exuberantes e sólidas manifestações da cultura brasileira – a música popular – não é ensinada de maneira efetiva na maior universidade do Brasil? Não seria este um equívoco a ser reparado?

Ivan Vilela

5 Por questões pessoais, os professores José Miguel Wisnik e Marcos Napolitano e a professora Jerusa Pires Ferreira não puderam estar presentes nesta edição.